

Território e preconceito: um olhar sobre o território de convivência homossexual da Farme de Amoedo¹

Rafael Chaves Vasconcelos Barreto

Resumo: Atualmente tem se falado muito sobre diversidade, respeito às diferenças e luta contra o preconceito e a discriminação. Nesse sentido o presente estudo vem tratar do tema da homossexualidade no sentido de descrever esse grupo enquanto uma identidade coletiva, seu campo simbólico bem como a delimitação de territórios.

Palavras-chave: Identidade. Homossexualidade. Território.

Abstract: Actually has been spoken a lot about diversity, respect for differences and fight against prejudice and discrimination. In this sense the present study addresses the issue of homosexuality in order to describe this group as a collective identity, its symbolic field and the demarcation of territories.

Keywords: Identity. Homossexuality. Territory.

Rafael Chaves Vasconcelos Barreto. Escola Nacional De Ciências Estatísticas. Geógrafo formado pela Universidade Federal Fluminense, atualmente aluno do Mestrado em Estudos Populacionais da Escola Nacional de Ciências Estatísticas.

¹ Texto recebido: 29/20/2008.
Texto aprovado: 02/12/2008.

Justificativa

Você já sofreu algum tipo de preconceito? De uma forma ou de outra se pode dizer que a maioria dos indivíduos em nossa sociedade já sofreu algum tipo de preconceito, seja ele por cor, gênero, identidade sexual, religião, ou até mesmo por ser latino, ou seja, dependendo da escala geográfica é possível encontrar níveis diversos de preconceitos.

Segundo o dicionário Aurélio preconceito significa: sm 1. idéia pré concebida 2. suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc.

Portanto, a partir disso, preconceito pode ser entendido como um pré-julgamento que se faz de algo que não é familiar, que não se conhece, que em alguns casos pode gerar medo, repulsa, ou até mesmo agressividade em um ato de estranhamento ao que não é comum ou familiar, que não faz parte do cotidiano, ou por uma potencial ameaça que a “diferença” possa trazer ou representar ao *status quo*.

Atualmente fala-se muito em respeito às diferenças, respeito à diversidade, diversidade essa que pode variar desde a diversidade de idéias, de credos, chegando à diversidade sexual.

Esse discurso nos leva a refletir sobre o tema da identidade, que varia de grupo para grupo, de pessoa para pessoa, verificando que cada indivíduo possui uma identidade, assumida através de suas escolhas, de seu estilo de vida, suas ações e modo de pensar.

Porém devemos observar que vivemos em sociedade heterogênea por conter nela indivíduos com os mais diversos perfis identitários. Porém em paralelo a isso é possível perceber que na sociedade existem grupos, que se juntam por possuir algum tipo de afinidade, ou seja, por possuir uma identidade comum. Temos que considerar ainda que as pessoas circulam por diversos grupos diariamente, cada um com uma identidade comum, sendo que cada grupo pelos quais circulam poderá refletir um pouco de sua identidade.

Uma pessoa ao assumir que é brasileira, carioca, moradora da zona sul, estudante de Geografia, espírita, torcedora do Flamengo, homossexual e funcionário público, se inclui, de acordo com cada um desses fatores em um determinado grupo social com interesses e gostos específicos, e ao mesmo tempo se exclui de outros. Essa exclusão aparentemente por vezes ocorre quando uma dessas identidades interfere com outros papéis que a pessoa representa. Por receio, insegurança ou para se preservar uma pessoa pode ocultar, ou não revelar, uma identidade para poder exercer certos papéis sociais, ou para participar de um determinado grupo. Nisso influem razões que variam desde a cultura de dominação em relação a certas posturas até preconceitos explícitos, que não aceitam que uma pessoa com uma determinada identidade freqüente um grupo. Isso pode ser exemplificado pela difícil relação existente entre judeus e palestinos, pela postura dos anglo-saxões brancos protestantes norte-americanos (WASP – *white anglo saxon protestant*) em relação aos judeus, negros, orientais e indígenas, ou mesmo em uma outra esfera, quando um filho não se assume *gay* com receio da reação de seus progenitores.

Portanto, os indivíduos passam por experiências de fragmentação em suas relações pessoais e em seu trabalho, circulando por grupos de identidades diversas, expressando também alguns dos papéis sociais que exercem².

A partir do momento que uma pessoa se diz brasileira, está se identificando como nativa desse país, que compartilha da vida e da cultura do Brasil, ao mesmo tempo em que ao se confessar espírita, revela que faz parte de um grupo que partilha o mesmo credo, deixando de partilhar de outros. Mas em alguns casos existe uma exclusão desnecessária, devido à pré-conceitos. Por exemplo, a partir do momento que alguém se identifica como homossexual esse indivíduo está mostrando a sociedade que possui uma orientação, uma identidade sexual diferente da compartilhada pela

² HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

maioria das pessoas, o que ao contrário do que acontece na prática não justificaria uma exclusão. É comum em nossa sociedade homossexuais sofrerem exclusão nos dias atuais, como evidenciam diversas notícias de jornais. Ou mesmo serem submetidos a constrangimentos ao exporem sua identidade em determinados locais, ou em determinados grupos, chegando alguns a sofrer até mesmo agressões. Isso de certa forma é um exemplo de como uma identidade interfere na vida de um indivíduo, impossibilitando-lhe muitas vezes de exercer suas outras identidades. Faz então justa e necessária a atuação de grupos de defesa de determinadas causas, como os que defendem a causa dos negros, a causa *gay*, ou seja, que atuam promovendo uma celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, analisando o tipo específico de opressão sofrida e se mobilizando inclusive politicamente para garantir o bem estar do grupo oprimido em questão.

Com o passar do tempo é possível verificar que cada vez mais tem aumentado o número desses grupos bem como sua atuação, sendo cada vez mais valorizados os discursos que falam em respeito às diferenças e a diversidade, promovido por esses mesmos movimentos sociais e políticos que defendem os interesses daqueles que sofrem com o preconceito. Atuam para que mais se diminua a discriminação e a intolerância, entre outros problemas sofridos por essas pessoas.

Esse estudo tem como enfoque o movimento dos homossexuais, por se tratar de um grupo que vem ganhando cada vez mais visibilidade com o passar dos anos, o que pode ser constatado observando a atuação dos movimentos de defesa da causa, através das Paradas de Orgulho GLBT (*Gays*, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), que aumentam a cada ano em número de participantes além de estarem acontecendo em cada vez mais lugares diferentes.

E não é só através disso que se pode perceber o

aumento de visibilidade dos homossexuais na sociedade. Muitos ao andar na rua já se depararam com uma bandeira de listras coloridas, representando as cores do arco íris. Ou quem alguma vez não teve contato com algum personagem homossexual em algum filme, novela, ou seriado? Basta ligarmos a televisão para encontrarmos personagens homossexuais, tanto em canais pagos, como em canais abertos, ou simplesmente andarmos atentamente pelas ruas que será possível perceber esses símbolos que marcam o que pode ser designado símbolos de uma cultura homossexual.

Cada vez mais essa identidade homossexual ganha espaço, e poder-se-ia dizer que esse grupo se encaixa no que Pierre Bourdieu chama de “campo social”, pois entre os homossexuais são encontradas verdadeiras famílias, tendo elas seus espaços de vivência, seus conjuntos simbólicos, e ao mesmo tempo mediados pelos “significados culturais sobre sexualidade que são produzidas por meio de sistemas dominantes de representação”³.

³ *Ibidem*

Em razão da aparente importância e visibilidade que essa temática vem ganhando, propomos um estudo enfocando esse grupo, que possui uma identidade própria, com símbolos próprios de uma tribo, como dialeto e estilo característico, que são pré-requisitos para a formação de uma tribo, segundo Michel Maffesoli e ao mesmo tempo delimitam e ocupam territórios próprios que agregam esses indivíduos, mas que podem segregá-los do restante da sociedade. Discutiremos ao longo desse trabalho um exemplo de território de convivência GLBT.

De Identidade Individual à Identidade Coletiva

Para entender a identidade e vivência homossexual e como ela é formada, deve-se considerar uma série de fatores que podem interferir na realidade dos indivíduos que a partilham.

O primeiro fator a ser considerado, por atuar de forma direta na vida destes indivíduos, é o preconceito que resulta na discriminação. Na maioria dos casos o preconceito existe pelo desconhecimento, por parte dos outros, da realidade do indivíduo homossexual, que faz com que seja associada a estas concepções negativas e irreais. É possível verificar isso a partir do momento em que somente em 1985 a homossexualidade foi retirada da relação de doenças pelo Conselho Federal de Medicina, e por sua vez pelo fato do Conselho Federal de Psicologia determinar somente em 1999 que nenhum profissional pode exercer “ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas”.

Outro exemplo da falta de informação que leva a discriminação de homossexuais é a ligação que ainda hoje é feita entre o homossexual e a AIDS, doença que já foi considerada como “câncer *gay*”, pois quando houve o enorme surto da doença, na segunda metade do século XX, uma grande parte dos contaminados era homossexual.

Fatos como esses fazem com que muitos homossexuais não vivenciem de forma plena a sua identidade, vivendo “dentro do armário” (gíria utilizada para definir o indivíduo que não assume a sua homossexualidade), pois o fato desse sujeito assumir a sua identidade homossexual acarretaria problemas na vivência de suas outras identidades e na sua vida em sociedade, por haver conflitos entre essas identidades, dependendo do meio por onde ele circula. Mas é possível perceber também que atualmente vários homossexuais têm optado por assumir a sua identidade, o que de certa forma contribui para que o tema seja desmistificado, levando-o para debate da opinião pública, o que pode induzir ao aumento da aceitação do indivíduo homossexual perante a sociedade, e a realidade homossexual vai se tornando mais próxima das outras pessoas, e tornando-se familiar a elas.

Dentro ou fora “do armário”, o indivíduo vive um processo de auto-reconhecimento de suas identidades procurando muitas vezes vivenciar com o outro suas angústias, através de um processo de identificação com o seu semelhante, e no qual ele procura ser visto, ser “encontrado”, tendo como estratégia o uso do campo simbólico característico dessa determinada identidade, como explicita Kathryn Woodward em seu texto:

Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de campos simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros.⁴

⁴ *Ibidem*

Aceitando que as identidades dos indivíduos são marcadas através de símbolos, Émile Durkheimnos mostra que “sem símbolos, os sentimentos sociais teriam uma existência apenas precária.”⁵

⁵ *Ibidem*

Podemos elencar alguns elementos que compõem um campo simbólico, estando entre eles: a fala; o estilo, que pode variar desde a indumentária até o repertório musical; o uso de alguns artefatos e imagens; entre outros. Essa simbologia pode ser inerente à pessoa, criada a partir do coletivo ou até mesmo construída, incentivada e/ou mostrada pela mídia, pois “a mídia atua como espelho dos diversos narcisismos coletivos.”⁶

⁶ MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

Já no início do século XX, segundo estudos, já havia um campo simbólico ligado à identidade homossexual, que era caracterizado pela forma de abordagem, e pela vestimenta, principalmente:

... no início do século, passivos usavam paletós muito curtos, lenço de seda pendente do bolso, calças muito justas, desenhando bem as formas das coxas e das nádegas. Dirigiam-se aos transeuntes pedindo fogo para acender o cigarro, com voz adocicada...⁷

⁷ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. James N. Green. Tradução Cristina Filho, Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.

No mesmo estudo Green mostra um trecho de um artigo que dizia:

... frescos (forma como eram chamados homossexuais afeminados na época) de NY usavam gravatas vermelhas, tiravam sobrancelhas, aplicavam rouge no rosto e usavam pó de arroz nos anos 10, 20, 30, para sinalizar seu status sexual anômalo.⁸

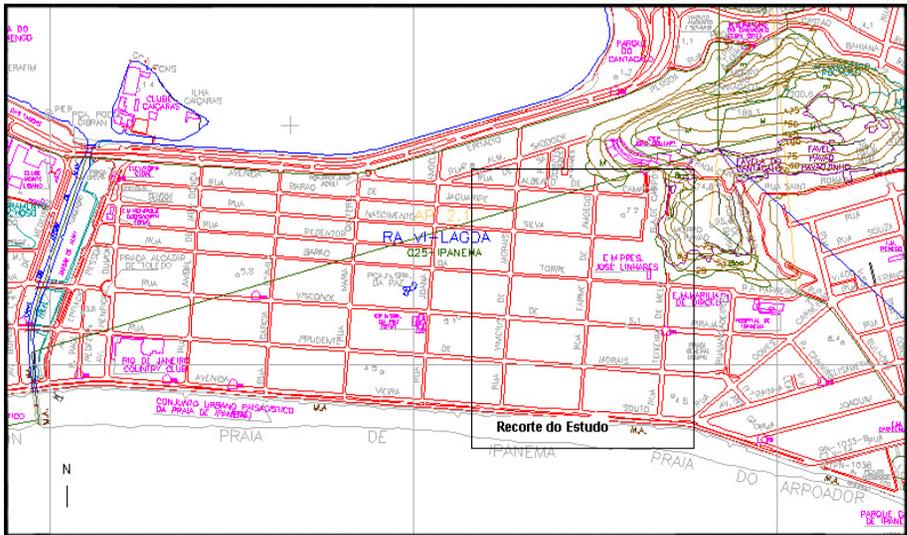
⁸ *Idem.*

Mesmo ainda existindo preconceito, é possível verificar que a identidade homossexual ganha cada vez mais espaço e vem delimitando territórios, sendo possível perceber através de seus símbolos e imagens que estão mais difundidas e se tornam evidentes (ao contrário do início do século XX, onde essas relações eram feitas de forma muito mais discreta, devido aos padrões de convivência e costumes da época). Alguns desses símbolos são reconhecidos até mesmo por indivíduos que não partilham dessa identidade, devido à vinculação dos mesmos na mídia, e por fazer parte do dia-a-dia de muitas pessoas.

O Território de Convivência da Farme de Amoedo

A partir de agora daremos enfoque ao território de convivência homossexual encontrado nas adjacências da rua Farme de Amoedo, em Ipanema – RJ. O recorte engloba além da Rua Farme de Amoedo as paralelas ao seu entorno, Teixeira de Melo e Vinicius de Moraes (respectivamente à direita e a esquerda, tendo a Farme ao centro e todas desembocando na praia) como é possível observar no Mapa 1.

MAPA 1 - RECORTE DA ÁREA DE ESTUDO



Fonte: Armazém de Dados – IPP (modificado pelo autor)

Um território é definido a partir do momento em que existe uma relação de poder sobre ele,⁹ o controle de um grupo, podendo esse exercer sobre o espaço controlado um poder simbólico, o que pode ser observado na Farme de Amoedo.

⁹ RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

O território é formado a partir do espaço e do momento que esse é planejado e controlado. Claude Raffestin define isso da seguinte forma:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço.¹⁰

¹⁰ *Ibidem*

Partindo desse pressuposto podemos definir a Rua Farme de Amoedo e arredores como o espaço territorializado tendo então a tribo homossexual como

ator sintagmático, que se apropria desse espaço, e nele implanta ações, controlando-o, imprimindo a sua identidade, produzindo-o, o que ainda segundo Claude Raffestin resulta na criação de um campo de poder:

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...]¹¹

¹¹ RAFFESTIN, Claude. *Op. cit.*

Portanto entendemos a Farme de Amoedo como um espaço produzido, a partir de atores e de suas ações sobre o mesmo.

Para entendermos um pouco a formação desse território, devemos voltar uns 20, 30 anos atrás, quando em frente à Rua Farme de Amoedo havia um píer com umas dunas que se formaram ao seu redor, também chamadas de “dunas do barato”, pois alguns freqüentadores lançavam mão do uso de drogas no local, onde ainda era possível encontrar jovens considerados mais liberais, e entre eles eram encontrados homossexuais. Esse era um local onde “tudo” era permitido, não havendo discriminação entre os freqüentadores das dunas. Esse histórico do local pode ter contribuído para que hoje esse trecho de areia seja considerado território de diversidade, e assim foi se constituindo. Milton Santos define o território, como o espaço formado por um sistema de objetos e um sistema de ações. Ou seja, é formado pelos seus atores e suas ações e empreendimentos sobre o espaço. Essas ações encerram numa relação de poder desses atores sobre o território.

No caso da Farme de Amoedo os objetos são os estabelecimentos encontrados nessa região, seus bares, boates, agência de turismo, ou seja, a rede de serviços voltada ao público GLS que se encontra nessa região, bem como o próprio trecho de praia utilizado com

todo o seu conjunto de objetos materiais e simbólicos (trailers, barracas, entre outros). Podemos encarar como ações o uso cotidiano desse espaço por freqüentadores homossexuais bem como os eventos que acontecem nesse local, como o fechamento dessa rua durante o carnaval, ou em outras datas festivas, como quando tiveram os jogos do Brasil na Copa do Mundo, pois nessas ocasiões o local torna-se uma espécie de discoteca a céu aberto. Esse local por ser conhecido pela maioria dos homossexuais do Rio de Janeiro e até mesmo de outras regiões como ponto de referência e de encontro, além do seu trecho de praia ser freqüentado em sua grande maioria por indivíduos com esse perfil identitário.

Existe uma relação de pertencimento dos homossexuais com esse território, construído ao longo dos anos, o que foi percebido em conversas com muitos freqüentadores que chegam a se referir àquele trecho de praia como “a nossa praia”, o “nosso local”, pois parte da história desses freqüentadores passam por esse território, como mostra Robert Park:

[...]através dos tempos, todo setor ou quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes ... como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua.¹²

Paulo César da Costa Gomes apud Stravrakakis também aborda essa relação entre o freqüentador e o território acrescentando alguns elementos:

[...] desenvolvimento de um senso de identidade espacial, que se transforma em senso de exclusividade e compartimentação social cada vez mais agudo. Esse senso de exclusividade pode ser percebido nos propósitos das pessoas, na recusa a conviver sobre o mesmo espaço, estabelecendo horários estratégicos para evitar o encontro, ou ainda a adoção de acessórios e linguagem comportamental para estabelecer as diferenças.¹³

¹² VALLE, Marisol Rodriguez. *A província da ousadia: representações sociais sobre Ipanema*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2005.

¹³ STAVRAKAKIS, Ricardo. *Espaço público e territorialização: o exemplo da Praia de Copacabana*. Niterói: UFF/TCC Graduação em Geografia, 2004.

Com isso Gomes revelam papel do campo simbólico no território e explicita também o sentimento de inclusão e exclusão do indivíduo diante de um determinado território, fato que acontece de forma particular num “lócus” de convivência homossexual. Nesses territórios a exclusão não vem da parte dos freqüentadores para os de fora e sim os de fora que muitas vezes têm aversão a esses territórios pelo tipo de freqüentador (homossexuais), existindo muitas vezes o medo de ter sua imagem associada à identidade homossexual, por ser visto freqüentando tais locais. Em conversa com uma representante de uma imobiliária, constatou-se que os imóveis da Rua Farme de Amoedo são procurados em sua maioria por homossexuais, e que muitas vezes são recusados pelo público em geral pela identidade a qual essa rua é associada, porém fora revelado que a associação dessa rua à identidade homossexual não influi os preços dos imóveis, afetando somente o perfil do comprador.

É importante ressaltar os conflitos que ocorrem nesse território, normalmente gerados pelo preconceito e pela intolerância. Porém esses conflitos situam-se nas adjacências do território e não dentro do território em si. É possível perceber que existe no entorno do trecho de praia que compreende esse território uma parte da areia com menos concentração de público, tanto para o lado direito quanto para o esquerdo, como uma espécie de “zona de transição” imaginária entre esse local e o restante da praia, com seus outros territórios, sendo nessas áreas de transição que acontecem a maior parte dos conflitos. Esses são agressões a homossexuais, como aconteceu com um casal de homossexuais no verão de 2007 e no carnaval de 2007 que foram intituladas de “Farmeganistão”, o que resultou num movimento por parte de ONGs de apoio a GLBTs reivindicando segurança para os freqüentadores do local.

Portanto urge que haja segurança, pois além de se tratar de uma área de forte apelo turístico. É preciso

garantir o bem estar do frequentador independente de sua identidade, sendo necessário que sejam combatidos os crimes gerados pelo preconceito e pela intolerância para que não existam áreas de exclusão e que todos possam circular pela cidade exercendo sua identidade de forma tranqüila e segura. Os territórios de convivência devem servir como ponto de referência e não como refúgio como ocorrem em muitos casos, onde somente nesses os indivíduos podem exercer sua identidade de forma plena sem sofrer repreensões.

Reflexões Finais

Ao longo desse estudo procurou-se entender um pouco sobre como se constitui uma tribo urbana, suas estratégias de formação e campo simbólico, e entender como essa tribo constrói um território, transferindo para ele a sua identidade.

O grupo escolhido como exemplo, os homossexuais, nos levou e leva constantemente a refletir sobre alguns temas além dos normalmente discutidos quando se procura entender uma tribo. Além do campo simbólico e do território em si. O assunto reflete sobre a sociedade atual, com seus tabus e preconceitos, tentando discutir formas de se amenizar esse problema para muitos indivíduos, e que afeta o grupo em questão, sua maneira de agir e a sociedade como um todo.

Vemos que nessa tribo, além da busca de um campo simbólico que a faça ser reconhecida por seus semelhantes, em muitos casos usa códigos e procura nos territórios de convivência uma forma de se esconder do restante da sociedade, pelo medo do preconceito e da rejeição. O medo que faz com que o território definido por essa tribo seja não só um local de convivência, mas também um espaço de fuga, um refúgio, onde o indivíduo poderá exercer sua identidade de forma plena, sem ser repreendido.

Ao longo dos anos a sociedade sofreu muitas mudanças, a postura e a tolerância com o diferente também mudaram, felizmente para melhor, mas ainda tem muito que avançar. Os territórios, como o abordado nesse trabalho, se tornaram mais visíveis, mais conhecidos, o que antes era definido de forma pejorativa como guetos, locais escondidos, aonde normalmente os indivíduos iam à procura de sexo, se tornaram lugares menos escondidos e fechados, tornando-se locais de convivência, de confraternização, onde não só homossexuais freqüentam, mas muitos simpatizantes que vão em busca de diversão sadia deixando de lado o preconceito. Essa mudança de postura se deve em grande parte a ação das organizações não-governamentais de apoio à causa, bem como da mídia, atuando no intuito de desmistificar os homossexuais, levando a causa para dentro das casas, tornando-a familiar e mostrando que não há porque discriminar ou mesmo temer o diferente, o que vem encorajando a cada dia muitos homossexuais a mostrar sua realidade, mostrando que eles existem e que precisam ser respeitados.

Portanto gostaria de com esse trabalho deixar uma reflexão sobre esse tema, e os preconceitos que perpassam a sociedade, revendo posturas, para que cada vez mais possamos pensar numa sociedade igualitária, onde todas as identidades sejam respeitadas, e os territórios como os de convivência homossexual não sirvam mais como um abrigo, como esconderijo, mas como um local de convivência pacífica, onde todos circulem sem medo do diferente, e principalmente, que essa diferença seja respeitada também fora desses territórios, não havendo mais exclusões, nem discriminações.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2004.

COSTA, Benhur Pinos. *Além da sociedade – os dramas e os conflitos do espaço social: o exemplo das microterritorializações homoeróticas*. In: IX Coloquio Internacional de Neocrítica, Porto Alegre, 2007.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* / James N. Green. Tradução Cristina Filho; Cássio Arantes Leite. São Paulo:UNESP, 2000.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. In: SILVA, T. da (Org.). Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península, 1991.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre mundialização*. São Paulo: Olho D'Água, 1994.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução Maria Cecília. França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1998.

STAVRAKAKIS, Ricardo. *Espaço público e territorialização: o exemplo da Praia de Copacabana*. Niterói: UFF/TCC Graduação em Geografia, 2004.

VALLE, Marisol Rodriguez. *A província da ousadia: representações sociais sobre Ipanema*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2005.